



O USO DE CELULARES NA ESTÉTICA DA RELAÇÃO DE ENSINO E APRENDIZAGEM: UMA DIVISÃO PARADIGMÁTICA

SMARTPHONES IN THE AESTHETICS OF THE TEACHING-LEARNING RELATIONSHIP: A PARADIGMATIC DIVIDE

SANTOS, Marcio Cesar Franco¹

Resumo: As instituições de ensino, focadas na função de formar gestores e profissionais de administração, foram impactadas por mudanças tecnológicas capazes de alterar a relação entre ensino e aprendizagem, principalmente na adaptação dos métodos e tecnologias oferecidos aos alunos. A gestão dessas instituições busca adotar novas práticas de ensino, que são entendidas como ações que envolvem pessoas, técnicas e instrumentos para a construção de conhecimentos. A relação ensino-aprendizagem emerge para a necessidade de redefinição, fortemente influenciada pelos recursos tecnológicos recebe o impacto da conectividade, capaz de gerar a virtualidade de professores e alunos envolvidos e entrelaçados numa rede virtual. A adoção de novas habilidades para buscar a atualização de dimensões humanas, como a subjetividade e a interação social, tem sido observada nas organizações, principalmente quando ocorrem atividades coletivas e interativas, experiências de confronto e troca de conhecimentos. Foi realizada uma pesquisa quanti-qualitativa e os resultados sugerem cautela no uso de tecnologias para que se evite a ruptura digital na aquisição do conhecimento.

Palavras-Chave: Estética; Ensino-aprendizagem; Virtualidade; Ruptura Digital; EaD.

Abstract: Educational institutions, focused on the function of forming professional management and administration, were impacted by technological changes that can alter the relationship between teaching and learning, especially in adapting the methods and technologies that are offered to students. A teaching-learning relationship, here understood as "a set of actions involving people, techniques and instruments with the objective of building a knowledge for those individuals who do not dominate this." (WINKLER et al, 2009, p. 2). The teaching-learning relationship emerges to the need for its redefinition. Always strongly influenced by technological resources, it now receives the impact of connectivity, capable of generating the virtuality of surfactants, teacher and students involved and interwoven in it. The adoption of new skills to seek the upgrading of human dimensions such as subjectivity and the sociological interaction has been observed within organizations, especially when collective and interactive activities, experiences of confrontation and exchange of knowledge take place. Educational institutions, whether promoting of in person or virtual learning, need to have tools, methods and professionals adapted to the reality to achieve this interactional activity that currently is not restricted only in the classroom. The classroom even has the impact of connectivity, promoted by internet access. A quantitative and qualitative research was carried out and the results suggest caution in the use of technologies to avoid the digital break in the acquisition of knowledge.

Keywords: Aesthetics; Teaching and learning; Virtuality; Digital Disruption; Distance learning.

¹ Doutor em Administração (PUC-Minas); Zeus Sistema de Ensino Ltda; marcio.franco.santos@gmail.com.

1. INTRODUÇÃO

As instituições de ensino, em sua maioria, promovem a aprendizagem presencial ou virtual, por meio de ferramentas e métodos. Buscam profissionais adaptados à realidade de ambientes para alcançar índices de interação que não se restringem, na atualidade, apenas à sala de aula, mas que sofrem o impacto da conectividade, promovida pelo acesso à Internet de alunos e professores que nem sempre estão numa interação produtiva.

As instituições de ensino, focadas na função de formar gestores e administradores profissionais, foram impactadas por mudanças tecnológicas que podem alterar a relação entre ensino e aprendizagem, principalmente na adaptação dos métodos e tecnologias oferecidos aos alunos (SERVA, 1992 e WOOD Jr, 2004 BIEHL, MISSAL, 2015). As relações ensino-aprendizagem, aqui entendidas como "um conjunto de ações envolvendo pessoas, técnicas e instrumentos com o objetivo de construir um conhecimento para aqueles indivíduos que não dominam isso ". (WINKLER et al., 2009, p. 2).

No caso específico das Instituições de Ensino Superior (IES) em Administração, as interações são amplamente presentes e necessárias para a relação de ensino e aprendizagem e podem ser negativamente influenciadas pelo uso da tecnologia. Se não corretamente dosado e instruído o uso, a tecnologia pode tornar dispensável a presença do professor, como agente e parceiro do ensino-aprendizagem, quando os próprios alunos podem buscar outras fontes de dados, de maneira rápida e atrativa, na própria internet (MORAN, 2000; 2011).

Considerando as práticas de ensino como atividades relacionais nas escolas de administração e o uso diário cada vez mais frequente de dispositivos eletrônicos em sala de aula, este estudo buscou responder à seguinte pergunta investigativa: até que ponto o uso de *smartphones* em sala de aula pode impactar o julgamento estético dos atores, professores e alunos, na aquisição de habilidades e competências?

Do ponto de vista acadêmico, este estudo é relevante ao articular as práticas educacionais e o uso de tecnologias que podem ser aplicadas aos ambientes de sala de aula com implicações na vida acadêmica de professores e alunos. O estudo também mostra como o impacto das novas tecnologias na construção do conhecimento se desdobra.

Por sua vez, na perspectiva da gestão universitária, com a reflexão de seus gestores e o impacto das novas tecnologias no cotidiano das IES, este estudo pretende identificar políticas e estratégias de desenvolvimento para o aprimoramento de tecnologias e práticas de ensino, especificamente as que envolvem o uso de recursos midiáticos que interferem no ensino na sala de aula.

Tendo definido o contexto deste estudo, a seção a seguir tem como objetivo trazer argumentos sobre estética organizacional, a fim de iniciar a construção teórica deste artigo.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

A relação de ensino-aprendizagem emerge para a necessidade de sua redefinição. Sempre fortemente influenciada pelos recursos tecnológicos, agora recebe o impacto da conectividade, capaz de gerar a virtualidade de professores e alunos, envolvidos e entrelaçados numa rede. Assim, a necessidade de contemplar a reformulação da interação destes atores, além de considerar o objeto que os circunscrevem (MIZUCAMI, 2002), deve ser localizada, contextualizada e dinâmica.

A adoção de novas habilidades para buscar a atualização de dimensões humanas, como a subjetividade e a interação sociológica, tem sido observada nas organizações, principalmente quando ocorrem atividades coletivas e interativas, experiências de confronto e troca de conhecimentos.

2.1 ESTÉTICA ORGANIZACIONAL E SUA RELAÇÃO COM O ENSINO E A APRENDIZAGEM

Este artigo busca encontrar ressonância sobre a estética organizacional, já realizada por STRATI (2007), WOOD Jr (2001), WOOD Jr. e CSILLAG (2004), a fim de discutir a construção de habilidades educacionais, muitas delas paradigmáticas, e a dinâmica relacional ensino e aprendizagem. Hoje, é um relacionamento presente em diferentes métodos interacionais (Mizukami, 1986) e plataformas, virtuais ou não, impactadas pelo uso atual da tecnologia ligada à conectividade dos *smartphones*. Assim, surge a necessidade de observar a subjetividade de alunos e professores no uso dos recursos tecnológicos e entender o impacto no comportamento desses atores em toda a estética do ambiente que os circunscrevem.

A estética está relacionada às habilidades perceptivas e sensoriais capazes de romper com a divisão tradicional entre mente e corpo para mostrar o corpo (MERLEAU-PONTY, 2004) e liberar as possibilidades de usar os sentidos: visão, audição, toque, paladar e olfato, que são faculdades qualificadas de subjetividade, os elos do corpo com o mundo.

Definida como o ser humano aprende o mundo organizacional através dos sentidos, a estética organizacional leva os atores a um julgamento estético, que permite a cada um deles, isoladamente e em grupo, à avaliação dos fenômenos. Assim, cada um é capaz de avaliar o

prazer e a aversão, o belo e o feio em uma rede cotidiana multifacetada de arranjos que, aqui neste estudo, determinam o contexto da sala de aula e os *layouts* distintos que favorecem o ensino e a aprendizagem. Ou ainda, podem ser redefinidas para contextos virtuais.

Sugere-se que, na composição desse julgamento estético, os atores estejam em harmonia com o ambiente que os circunscrevem. Assim, ocorrem situações que podem comprometer essa harmonia como o uso indiscriminado do *smartphone* conectado à Internet, capaz de criar uma mudança de identidade, pois, mesmo que presente na sala de aula, o aluno permite uma ruptura tecnológica, aqui entendida como uma ruptura digital.

Entendido o julgamento estético como o mecanismo de interação dos sentidos corporais dos indivíduos e as categorias estéticas do ambiente este estudo busca a identificação dos impactos do uso do *smartphone* nos ambientes de estudo podem causar rupturas digitais no processo de aquisição do conhecimento que se dá na relação de ensino e aprendizagem. Entender a conectividade e a ruptura digital é o objetivo da próxima seção.

2.2 TECNOLOGIA QUE (DES)CONECTA A EDUCAÇÃO: UM FOSSO DIGITAL?

A aceitação do uso de tecnologias digitais na educação deve advir das críticas a seu uso, uma vez que existem muitos recursos possíveis contidos em um *smartphone*. Para permitir o uso de conteúdo interativo como mediador aluno e professor, aluno e aluno ou aluno e conteúdo, deve-se considerar a dificuldade dos professores em reter a atenção do aluno e ser difícil promover sua participação em uma atividade.

Conforme argumentado por VERGARA (2003), os professores devem buscar realizar o objetivo da educação, que consiste em facilitar a formação de seres pensantes e, para tal feito, assume-se que eles forneçam ao aluno a identificação de condições de um problema, para nele refletir e questionar, discutir, interpretar informações e assim gerar conhecimento.

A educação requer o desenvolvimento de habilidades que permitam construir e reconstruir o conhecimento relacionado à aprendizagem de saber, fazer, compartilhar e ser (DELORS / UNESCO, 1994). Como fenômeno educacional e pedagógico, a educação, a ação na educação, deve ser um indutor da aquisição de conhecimento (JAPIASSÚ, 1981) e deve transcender a barreira física entre professores e alunos, além de ser completado para o ensino técnico diferenciado. o uso de técnicas de virtualização deve ser apoiado em uma filosofia de aprendizagem que ofereça a oportunidade de interação com os alunos, desperte a curiosidade e o desenvolvimento de habilidades intelectuais, emocionais e sociais.

Essa aquisição de conhecimento pode ser comprometida pela Ruptura Digital (DERY,

MacCORMICK, KOLB; 2018), pois o deslocamento de identidade gerado entre o plano físico e o virtual cria um "não lugar" (FOUCAULT, 2007) e essa migração pode comprometer a relação entre os atores.

Por sua vez, constitui um desafio para as instituições de ensino, o investimento em tecnologias que possibilitem preencher uma cultura filosófica de professores e alunos, acostumados ao modelo de ensino presencial, ocorrido nas tradicionais salas de aula, caracterizado pela presença física de ambos no tempo e no espaço (MUGNOL, 2009).

2.3 A ESTÉTICA ORGANIZACIONAL E O JULGAMENTO ESTÉTICO: O AMBIENTE PERCEBIDO

Considerar como as dimensões estéticas e organizacionais podem contribuir para uma construção filosófica da virtualização do ensino é o objetivo deste artigo, que estabelece implicações tangíveis impactadas, positivamente ou não, pelas interações presentes nos ambientes das instituições de ensino.

Nos estudos estéticos organizacionais, vê-se a influência das faculdades sensoriais humanas que, juntas, permitem que o indivíduo realize um julgamento estético daquilo que é apreendido por ele, capaz de intervir e ser influenciado pela cultura organizacional. A estética foi inicialmente definida como uma ciência que visa o julgamento da apreciação, a distinção do bonito e do feio, mas não se restringe ao estudo dos sentimentos bonitos, mas sim dos humanos, na totalidade, existentes, tangíveis, também os feios (SOURIAU, 1973), como o caso de uma ruptura que desaproxima.

O espaço é definido por Bachelard (1993, p. 23) como uma "imaginação provocativa que aumenta os valores da realidade". Os "cantos" de Bachelard antes permitiam a assimilação do aprendizado, eram impecáveis e não sofriam influência de fatores externos, agora estão conectados através de *smartphones*. Esse pensamento reforça o conceito de Kant (2000) sobre como nos tornamos objetos reais projetados fora de nós e eles dão nossas relações de forma recíproca. O espaço é para Kant, uma "intuição pura" (KANT, 2000, p. 74) e onde ocorrem todos os sentidos externos, em condição subjetiva de sensibilidade.

É preciso considerar que é inerente aos sentidos humanos, onde a imagem do próprio objeto coexiste com o fenômeno que representa. Um indivíduo pode representar seu significado usando uma faca para cortar legumes, por exemplo, e em outro, representá-lo como um instrumento de tortura. Para tanto, em algum momento, houve uma interação fenomenológica nesse sentido. Assim, como observado por Kant (2000), é desafiada a

universalidade dos sentimentos. Na mesma linha, um vídeo contendo cenas de violência e tortura, assistido pelos dois indivíduos aqui exemplificados, terá resultados diferentes nas sensações corporais.

A ênfase na aprendizagem experiencial, baseia-se na prática social, com ênfase especial nas interações no processo de aprendizagem. Essa visão pressupõe que o aprendizado ocorre apenas quando uma pessoa é capaz de refletir sobre suas ações, reorganizando e reconstruindo suas experiências. Aí, revela a necessidade de os professores terem a competência de perceber como o aluno reagirá quando influenciado por suas faculdades sensoriais, ou seja, a maneira como a estética do que é exibido influencia o aluno.

Os termos "educação" e "aprendizagem" referem-se a processos estabelecidos pela interação entre professor e aluno, antes situados e restritos à sala de aula, mas assumem proporções e dinâmicas diferenciadas, com inúmeros recursos habilitados via Internet. Conectados, alunos e professores interagem, para o bem e para o mal, favorecendo ou prejudicando o ensino e a aprendizagem em sala de aula, virtuais ou não. A interação é hoje confrontada com a virtualidade dos atores.

Nesta seção, buscou-se uma perspectiva fenomenológica, para trazer o que a literatura descreve como a estética é conceituada, particularmente na maneira como esse conjunto de fenômenos afeta a relação educacional e o aprendizado das IES. E, no entanto, esses atores são influenciados pela conectividade, levando-os a uma mudança de identidade no presencial e no virtual. A maneira pela qual os dados foram coletados e analisados é mostrada abaixo.

3. METODOLOGIA

O esforço metodológico realizado aqui visa contribuir para uma melhor assimilação do significado dos termos Ruptura Digital, Julgamento Estético, interpretados sob a égide da fenomenologia, para traduzir o método filosófico para o método de pesquisa; com nuances das relações entre termos.

A interpretação dos resultados buscaram refletir sobre o impacto da subjetividade e das faculdades sensoriais, influenciadas pela Ruptura Digital e os deslocamentos de identidade causados pela uso de *smartphones* em um ambiente que antes era considerado único e exclusivo ao relacionamento, sem conexões externas, semelhante aos tempos de Bachelard e seus cantos (1993).

Para entender essa relação de conectividade e a Ruptura Digital e seu impacto na estética da relação ensino-aprendizagem, foi realizada uma pesquisa quanti-qualitativa com

alunos do curso de graduação de uma universidade privada em Minas Gerais, Brasil. Numa primeira abordagem, foi extraída uma amostra estatística de 65 alunos do universo de 500 alunos do curso noturno de Administração, para os quais foram entregues questionários com perguntas fechadas.

Num segundo momento, para ampliar e aprofundar a interpretação dos dados, 15 alunos foram convidados a participar de uma sessão de entrevista, realizada individualmente. Esta seção contou com entrevistas balizadas por roteiros semiestruturados como coleta de dados. As gravações foram autorizadas pelos entrevistados e transcritas, para posterior análise do discurso e, por meio dessa técnica de processamento de dados, o estabelecimento das primeiras reflexões deste estudo.

As reflexões que surgem sobre as implicações estão na seção a seguir, que são os desafios da modernidade, segundo Demo (1993).

4. REVELAÇÕES DO CAMPO

As revelações do campo se atrelam ao nível epistemológico da fenomenologia, que entende que o conhecimento é subjetivo e se baseia na experiência pessoal, pertencente ao campo paradigmático da subjetividade (BURRELL, MORGAN; 1979) que na área de Gestão, segundo Reed (2007), permite observar novas concepções teóricas e metodológicas do ensino para expandir as possíveis limitações do conhecimento científico, levando em consideração, exatamente, a subjetividade observada.

A abordagem metodológica, com abordagem quanti e qualitativa sequenciadas, conferiu à pesquisa a capacidade de aprofundar as interpretações sobre o assunto e perceber características da estética organizacional. Reflexões surgiram das respostas dos alunos, à luz da metodologia projetada, ao serem processados os dados por meio da Análise de Discurso, em sua vertente francesa, enfocando o argumento e o dialogismo de Bakhtin.

Buscou-se ancorar os discursos encontrados, as reflexões advindas. Revelaram-se categorias construídas a partir dos dos sujeitos da pesquisa, estudantes em diferentes situações na relação ensino-aprendizagem.

A amostra estatística de estudantes da instituição de ensino revela idades que se concentram entre 19 e 27 anos e quase todos os que responderam ao questionário trabalham ou já realizam alguma atividade, geralmente em estágio, em empregos ligados à administração, nas empresas da região. O salário médio está um pouco acima do salário mínimo de referência no Brasil e a minoria usa esse ganho na composição dos gastos em casa.

Embora fosse um pré-requisito para responder ao questionário, os 65 entrevistados possuem um *smartphone* com acesso a redes móveis ou *wi-fi*, eles indicaram que o acesso à rede, fornecidas pela IES são a primeira coisa que fazem ao acessar o campus. Portanto, permanecem conectados até o final das atividades acadêmicas do dia. Eles também reconhecem que o acesso ao email e às redes sociais constitui uma das primeiras tarefas que eles realizam, mesmo antes do café da manhã.

Os alunos são membros de grupos de comunicação fechados, especialmente aqueles criados em aplicativos como WhatsApp e Messenger e relataram que durante a noite, mesmo durante a aula, é melhor para se comunicar, já que a maioria dos amigos da faculdade, assim como cada respondente, é impedido nas empresas de acessarem redes sociais durante o horário de trabalho.

Poucos estudantes indicaram o uso do *smartphone* para comunicação bidirecional, por voz, (como telefone mesmo!) e apontam que esse tipo de contato é destinado a emergências, quando um membro da família está doente ou quando há um problema no sistema de transporte.

A principal alegação da necessidade de uso durante as aulas é o acesso a e-mails ou grupos de redes sociais e rotinas de seus empregos, como pode ser visto nas respostas das entrevistas que se seguiram à rodada de questionários. Quando a amostra de estudantes entrevistados foi submetida a entrevistas, alguns dados puderam ser ratificados e outros contrapostos.

As entrevistas revelaram que os alunos são introduzidos no ambiente da sala de aula como um processo contínuo de avaliação, demonstraram os alunos entrevistados reagir de maneira diferente a esses momentos. Quando colocados em estágios claros de avaliação, declararam evitar o uso indiscriminado do *smartphone*. Ainda vê mensagens, mas afirmam fazê-lo de maneira mais comedida. Afirmam que o dispositivo está sempre acessível, sobre ou sob a mesa de estudo.

Essa diferença de posição do aluno contradiz a epistemologia construtivista e impede que a avaliação do professor ocorra continuamente, no dia-a-dia, e não individualmente, por qualquer evidência. Uma interpretação diferente por parte do aluno também impede sua autoavaliação e a consequente avaliação da disciplina, pois ela ocorre inserida em um processo de aprendizado social, coletivo, situado onde aprendem o professor e o aluno.

Aspectos da prática de ensino presentes no contexto brasileiro podem ser evidenciados na fala do Aluno E11. Ele afirma que a interação de dinâmicas tipicamente avaliativas o faz colocar de lado do *smartphone*. Na dinâmica avaliativa, o aluno reconhece a atitude dos

professores em manter o poder como *status quo*, devido à força que a abordagem tradicional ainda tem sobre a instituição, mostrando que os artefatos ainda estão muito presentes no contexto da cultura e do país. O aluno diz:

Gosto de trabalhar com dinâmica, depois com a dinâmica, você vê o que sabe e o que não sabe. Vejo as discussões, a dinâmica, como percebemos coisas que podem ser analisadas de maneiras diferentes. É uma pena que nem todo mundo leve a sério (E11)

O aluno E9 relatou que gosta de saber o que o professor está avaliando sua participação continuamente. A gestão deve ser "vista" como algo prático. Nada melhor do que ter o professor como se ele ainda estivesse na empresa onde trabalha. Portanto, esse aluno acredita que a maneira mais apropriada de avaliar é através da participação em sala de aula, ao longo do semestre. Nesse contexto, ele continua, "como eu não uso o telefone na empresa, por que não pode, avise, tente não usar aqui".

A maioria dos alunos entrevistados destacou a participação de todos na sala de aula como forma de aprimorar o aprendizado da turma. A argumentação que surge a partir de um texto se mostra mais interessante e mais compreensível em que cada participante, além do texto extraído, relata a sua história de vida e profissional entra para enriquecer o debate. Mas também argumentam que o telefone, o *smartphone*, interfere nesse processo. Muitos afirmam ainda que o celular deve ser uma ferramenta de suporte para leituras e consultas em sites.

Doze dos 15 entrevistados afirmam entender o descontentamento dos professores devido à baixa interação e coletivização de experiências individuais. Surgiram alguns relatos sobre a importância da interação do aluno no resultado de suas aulas na "temperatura da aula".

Algumas questões em torno da visão e audição: a imagem, luz e som em ambientes educacionais, foram direcionadas aos alunos. As questões envolveram o uso desses aspectos físicos como ferramentas de ensino. O visual e o som estão fortemente presentes e geram prazer de ver e ouvir, causados pelo comportamento gentil das pessoas, pelas roupas usadas e pelos artefatos organizacionais. Todas as ferramentas que envolviam esses aspectos físicos não estavam usando o *smartphone* como mecanismo de interação do aluno.

Sugere-se que esses aspectos físicos, presentes nas aulas, estejam ligados ao que é revelado, e se insere na categoria estética intitulada por Gracioso. Esse apelo estético envolve movimento, tem ritmo, é a elegância transmitida sem esforço e espontaneamente. Geralmente está situado acima do que é belo ou como uma forma de beleza que compreende harmonia e esse encanto em atitudes e movimentos (JAPIASSU; 1981). É a categoria que melhor

aproveita a qualidade de vida nas organizações (STRATI, 2007), destaca a elegância, civilidade, cortesia, virtuosismo, polidez, ou seja, tudo o que se deleita nas relações interpessoais.

Os elementos necessários, quando os consideram vinculados à necessidade de relacionamento interpessoal, foram nas aulas regulares, impactados pelo uso de *smartphones* durante as aulas. Hegemônica foi a ideia dos alunos de que qualidade de vida é resultado de relações interpessoais, ou seja, fruto de sua cooperação com professores.

Outra subcategoria estética surgida é o Sublime, que se refere a tudo que pertence a uma ordem superior. Lalande (1993), baseado em Kant, reconhece que, embora a beleza seja caracterizada por sua natureza finita, o sublime, por sua vez, é caracterizado pela idéia infinita. É a beleza da grandeza. Comte-Sponville (2011: 572) afirma que "o sublime é um sentimento no espírito humano, que o ultrapassa, natureza ou gênio, e arrebatada".

No uso atual, o sublime expressa um julgamento entusiasmado sobre o que é visto, seja na estética, seja na ordem moral, ou seja, na ordem intelectual. É tudo isso impressionante (LALANDE, 1993; JAPIASSÚ, 1981). Para Strati (2007), o sublime destaca tudo o que é grandioso, decoro, decente, moral dos que participam da vida organizacional e ajudam a construir sua grandeza. Diz respeito à subjetividade presente na descrição da beleza de uma empresa ou organização e é a que mais se aproxima da beleza. Os alunos destacam a amizade como Sublime que se forma quando há troca de idéias em ambientes que favorecem uma maior interação entre eles, algo que foi realizado nos períodos de curso mais avançado, onde as interações sociais já se estabeleceram. O sublime está presente na "nobreza de espírito" da construção da vida organizacional e algo que não foi afetado por mudanças organizacionais, como o uso e a disseminação do *smartphone*: uma amizade construída.

O uso do *smartphone* na sala de aula, durante as aulas, muitas vezes causa conflitos e uma catarse coletiva. Tais consequências são categorizadas como Trágicas, que em alguns casos, trazem sofrimento. Comte-Sponville (2011, p. 601) observa que o trágico "é o divórcio, mas sem reconciliação". A reconciliação não é possível, segundo o autor, por se tratar de um conflito sem saída, pois, dependendo da lente pela qual são observadas, ambas as partes são legítimas. É trágico fracasso em encontrar uma solução, mesmo intelectual, que satisfaça totalmente a todos. Comte-Sponville (2011, p. 601) nos diz que "a tragédia, disse o político, é quando todos estão certos".

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O professor não é apenas um transmissor. É também um aprendiz, um aluno. O papel do professor é importante porque transmite não apenas suas descobertas, idéias, etc., mas também pode transmitir e, com uma frequência muito grande, idéias e descobertas de outras pessoas. Ele fornece um corpo de conhecimentos profissional bastante estruturado. Os alunos, por outro lado, não são apenas receptores desse conjunto de conhecimentos. Eles recebem esse conhecimento e os processam também. E, ao fazerem isso, são capazes de pensar em coisas novas, diferentes, desafiar certas afirmações, e assim por diante.

A postura mais construtiva, guiada pela preocupação com a interação entre professor e aluno é consciente. Ambos aprendem que o processo de aprendizagem está seriamente comprometido pela presença do *smartphone* na sala de aula.

No contexto sócio-histórico e cultural em que vivemos hoje, com as mudanças que ocorreram na sociedade, não há espaço para passividade do aluno. No significado atual da educação, o aluno tem hoje um papel ativo. O aluno não é mais um aprendiz de professor, pois precisam interagir muito para assimilar o conhecimento, para pô-lo em prática, dar feedback sobre o que é feito.

As mudanças amedrontam e o senso comum muitas vezes justifica o medo da mudança, porque altera a capacidade de acomodação dos indivíduos. Arnheim (1974) argumenta que é natural que o homem e o animal tenham desenvolvido uma resposta tão intensa e um movimento automático causado pela mudança. Para este autor, uma mudança pode exigir uma reação, por isso é importante que, sob qualquer ameaça de movimento, todos estejam cientes das condições que o ambiente traz.

Nesse ponto, os artefatos têm papel primordial, enquanto na dinâmica organizacional são revelados poder, status, grau de hierarquia, formalidade e informalidade e, além disso, também podem causar prazer, medo, ansiedade. Assim, confirma que a percepção estética permite decifrar o significado dos artefatos, revelando o nível mais profundo da cultura organizacional, conforme observado por Strati (2007), algo pode ser feito em um ambiente em que todos estão imersos no uso de uma nova tecnologia de comunicação que pode ser entendida como uma ferramenta de suporte à aprendizagem.

É relevante a necessidade de um estudo trazer aspectos da Neurociência, uma vez que dela decorrem análises prévias que podem fundamentar comportamentos. Por isso, em se tratando de espaços de aprendizagem gerencial, que envolvem a formação de competências na tomada de decisão, a pesquisa se mostra relevante para professores, estudantes e instituições

de ensino, pois permitirá a reflexão de novos requisitos para a profissão e o processo de aprendizagem em vários modelos de ensino atualmente existentes.

O estudo fornece ainda a expansão do conhecimento sobre a influência gerada pela Ruptura Digital e o deslocamento de identidade gerado por ele. As instituições poderão medir o impacto da tecnologia e da conectividade na estética e no processo de aprendizagem e, assim, repensar seus meios de interação no programa educacional e no plano de ensino.

REFERÊNCIAS

ARNHEIM, R. **Arte e percepção visual: uma psicologia do olho criativo**. A nova versão. Berkeley, CA: Universidade da Califórnia, 1974

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BIEHL-MISSAL, Brigitte, Deixe-me entretê-lo ?: Algumas reflexões sobre o professor como DJ. **Estética Organizacional**, 4 (1), 2015.

BURREL, Gibson; MORGAN, Gareth. **Paradigmas sociológicos e análise organizacional**. Inglaterra: Livros Educacionais Heinemann, 1979.

COMTE-SPONVILLE, Andre. **Dicionário filosófico**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

DEMO, Pedro. **A Educação do Futuro e o Futuro da Educação**. Campinas: Autores Associados, 2005.

DERY, Kristine; KOLB, Darl; MACCORMICK, Judith. Working with connective flow: how smartphone use is evolving in practice. **European Journal of Information Systems**, v. 23, n.5, 2014. Disponível em: . Acesso em: 10 jan. 2018

DELORS, Jacques. Os quatro pilares da educação. **Relatório da Comissão Internacional sobre o Desenvolvimento da Educação**. UNESCO, 1994.

FOUCAULT, M. **A Palavra e as Coisas**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2007.

JAPIASSU, Hilton. **Questões epistemológicas**. Rio de Janeiro: Imago, 1981.

KANT, Emanuel. **Crítica da razão pura**. São Paulo: Nova cultural, 2000.

LALANDE, A. **Vocabulário técnico e crítico da Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção** (2a ed.). São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MUNGNOL, Marcio. A Educação a distância no Brasil: conceitos e fundamentos. **Revista Diálogo Educação**, Curitiba, 9 (27), 335-349, maio / ago, 2009.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoleti. **Ensino, como abordagens do processo**. 18ª ed. São Paulo: Editora Pedagógica Universitária, 1986.

MORAN, Edgard. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2011

REED, M. Teorização organizacional: um campo historicamente contestado. Em: CALDAS, M. ; FACHIN, R. ; FISCHER, Tania. (Org.). **Manual de estudos organizacionais**. São Paulo: Atlas, 2007.

SERVA, M. O paradigma da complexidade e a análise organizacional. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, 32(2), 26-35, abr./jun. 1992

SOURIAU, Etienne. **Chaves da Estética**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1973.

STRATI, Antonio. **Organização e estética**. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

VERGARA, Sylvia Constant. Repensando a relação ensino-aprendizagem em Administração: argumentos teóricos, práticas e recursos. **Revista Organização e Sociedade**, 10 (28), 131-142. Salvador: Ufba, setembro / dezembro, 2003.

WOOD JR., Thomaz. Nota técnica: uma perspectiva estética contra o império da razão. Em: Caldas, Miguel; Roberto Fachin; Fischer, Tânia (org.). **Manual de estudos organizacionais: reflexões e novas direções**. São Paulo: Atlas, 2001.

WOOD JR, Thomas; CSILLAG, Paula. Estética Organizacional. In: WOOD JR, Thomas (Org.). **Mudança Organizacional**. 4a ed. São Paulo: Ed. Atlas, 2004.